

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DE SAÚDE
Curso de Psicologia

Nanna Duarte Barbosa Maluhy

SELF E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO
Uma análise do filme "A garota Dinamarquesa"

São Paulo
2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DE SAÚDE
Curso de Psicologia

NANNA DUARTE BARBOSA MALUHY

SELF E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.
Uma análise do filme "A garota dinamarquesa".

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para Graduação no
Curso de Psicologia sob a orientação do
prof. *Paulo Roberto Moreira*

São Paulo
2016

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa, queria agradecer à Suzana Duarte e Victor Maluhy, minha mãe e meu irmão, por toda a paciência que tiveram comigo nas mudanças de temas para esse trabalho. Pelo dia-a-dia de todas as angústias e planos que tive. Obrigada por me lembrarem constantemente para eu confiar em mim mesma, e valorizarem as minhas histórias – por mais sem cabeça que elas fossem. À tia Ana, por todas conversas.

Ao meu pai, Renê Maluhy, o meu obrigada pela confiança e investimento que sempre teve por mim. Por tudo que me ensinou – e também pelos cabelos brancos. Aos meus avós, pelo maior amor e maiores exemplos que são.

Aos meus tios, Ricardo e Andrea, e minha prima, Bianca, por sempre estarem disponíveis, e pela segurança que eu tenho em tê-los. Por todos os dias incríveis e, por acompanharem o meu crescimento. Aos meus padrinhos e primos por me ensinarem que família, é a gente que escolhe, e que, com amor, sempre estamos juntos.

Queria agradecer às professoras Luísa Oliveira e Felícia Araújo pelas ajudas e pelo interesse. Pela dedicação e o amor que passam, dando aula. À professora Leda Seixas pelo carinho e pela vida leve e boa que mostrou possível ter. Ao professor Claudinei Affonso, pela amizade e preocupação em forma de risada. Ao professor Hemir Baricao pelo interesse, conselhos e indicações de leitura e filmes para além da graduação. Ao professor Alexandre Saadeh, por sempre se mostrar disponível a ajudar e ouvir. E ao Durval Faria, por poder ver de perto a minha construção como psicóloga.

Às minhas amigas da PUC, hoje da vida, pelos 5 anos mais incríveis que eu poderia ter tido. Por todos os momentos maravilhosos, e pela certeza que esses 5 anos foram apenas o começo. Pelas vidas compartilhadas e pelo conforto em tê-las. Obrigada! Toda sorte e sucesso para todas nós! Eu amo vocês!

À Bruna Florian, e toda a sua família – minha segunda –, pela sorte que eu tenho em ter, a melhor amiga-irmã que podia existir e pela escolha que fizemos de estarmos sempre juntas. Ao Ruben Luis e o Pedro Capucci, por todas as batatas fritas, risadas, sorvetes e por sempre me escutarem e me aceitarem como eu sou.

Ao professor Paulo Moreira pela dedicação e paciência desse ano todo. E à professora Flávia Hime, pelo apoio, desde o primeiro semestre da faculdade, e por ter sido a mais incrível pareceirista que eu podia escolher.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo verificar o processo de transformação e o processo de individuação a partir de um homem que se transformou em uma mulher. Para isso, foi utilizado como base o livro, e, principalmente, a obra dramática, o filme “A Garota Dinamarquesa” (2016). Foi feita a análise do filme, relacionando-o com a abordagem analítica de C.G.Jung e com alguns pós-junguianos. A partir dessa verificação, foi possível ter como impressão pessoal a abordagem no tema da diferenciação arquetípica do *anima* e *animus* do feminino e masculino dentro de um contexto social que o filme procurou representar. Assim, foram destacados aspectos para a construção da *anima* e, com a hipótese de um processo de individuação, foi possível observar a relação de Einar Wegener com ele mesmo; com as mudanças que ele teve em o seu corpo e com as ideias que estavam em sua mente. Analisou-se o processo de aceitação que ele precisou ter consigo mesmo e por parte de sua mulher Gerda, cuja relação foi também observada. Como Einar, foi observada também a relação de Lili Elbe com ela mesma e com os outros próximos e com a sociedade. Para melhor percepção, foram diferenciados os sinais das personagens Einar e também Lili, em todos esses aspectos. Foi possível notar as mudanças – tanto físicas, quanto comportamentais - na vida cotidiana, devido às transformações estabelecidas, a partir do momento em que Einar entendeu que sua dinâmica era feminina e que , mesmo com o masculino e feminino compondo sua totalidade (Self), sua psique estava mais correspondente ao feminino, tanto para si quanto para a sociedade.

Palavras-chave: garota dinamarquesa, anima, animus, self, processo de individuação.

"O corpo não vive sem a mente" (Matrix, 1999)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. METODOLOGIA	10
1.1 FICHA TÉCNICA	11
1.2 DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS	11
1.3 SINOPSES DO FILME Separar o que é texto da sinopse original e texto seu. 12	
1.4 HISTÓRIA DO FILME	14
1.5 ADAPTAÇÕES DO LIVRO PARA O FILME	21
1.6 IMPRESSÕES A PARTIR DO FILME	22
2. CONCEITOS BÁSICOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.	24
2.1 PSIQUE	24
2.2 CONSCIÊNCIA	25
2.2.1 EGO	26
2.3 INCONSCIENTE PESSOAL	27
2.4 INCONSCIENTE COLETIVO	28
2.4.1 PERSONA	29
2.4.2 SOMBRA	30
2.4.3 ANIMA E ANIMUS	32
2.4.4 SELF	34
2.5 INDIVIDUAÇÃO	35
3. O FEMININO E O MASCULINO NA OBRA	38
3.1 SINAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA ANIMA	38
3.2 DESENVOLVIMENTO DA ANIMA	42
4. O SELF E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	44
4.1 SOCIEDADE	44
4.2 NATUREZA	45
4.3 SI-MESMO	46
4.4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	47
CONSIDERAÇÕES	49
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Entre diversos possíveis temas, surgiu o interesse em trabalhar a partir do processo de individuação e suas implicações. O filme *A Garota Dinamarquesa*, chamou-me a atenção pela questão da re-criação de vida na trajetória da personagem principal, nascido Einar Wegener- um homem e conhecido como Lili Elbe, uma mulher.

Se formos livres para buscar a alcançar nossos objetivos, também somos livres para errar. Isso nos dá certeza. Segundo Bauman (1990), ninguém impedirá a ação que desejamos empreender, mesmo que essa não traga nenhum benefício.

A sociedade livre ou de indivíduos livres, não nos impedirá de agirmos conforme os nossos desejos, e de nos limitar as possibilidades de sermos punidos por essas ações. (Bauman, 1990). A liberdade significa mais do que a ausência de restrições, pois para realizarmos as coisas, precisamos de recursos.

De onde vem, então, a regularidade, se o indivíduo dentro da sociedade é ímpar e se cada um busca os seus próprios objetivos, exercendo a livre vontade? A livre vontade do indivíduo parecia, em tentar explorar as melhores capacidades para se viver, uma benção confusa. Com todos os homens buscando apenas os próprios interesses, os interesses comuns poderiam ser mal servidos. (Bauman, 1990). Essa afirmação reforçava o egocentrismo, mostrando que o que era preciso estudar, era a maneira como algumas intenções individuais podem ser moderadas, atenuadas, ou pura e simplesmente suprimidas (Bauman, 1990). Assim, como afirma o autor, "o grande interesse pelas limitações da liberdade tinha justificações tanto cognitivas como normativas".

A fragilidade, as exigências, as obrigações e a crueldade geradas para a contemporaneidade, ao mesmo tempo que exigem que os indivíduos corram atrás de suas satisfações e também de suprir seus desejos, parecem estar, insensivelmente, produzindo indivíduos com os mais comuns e semelhantes desejos e objetivos.

Com uma vida de incertezas e o constante debate sobre a inevitável decepção e frustração, a felicidade facilmente é transformada em meta de vida. Não

permitimos que essa fique apenas na ilusão, e pela sua importância, ela acaba se tornando prejudicial, pois quando não alcançamos aquilo que desejamos ficamos sujeitos a profunda tristeza e inquietação, pois os reais sentidos da alma tornam-se indesejados, rejeitando e reprimindo o que consideramos inadequado. Esse sofrimento passa a ser tão sem sentido, que a cura está sempre oculta. Jung afirma:

O principal objetivo da terapia psicológica não é transportar o paciente para um impossível estado de felicidade, mas sim ajuda-lo a adquirir firmeza e paciência diante do sofrimento. A vida acontece num equilíbrio entre a alegria e a dor. (Jung, 1984, p.82)

Para Jung (1984), esse medo natural do desconhecido em nós está justamente no receio da "perda da alma", que está relacionado especificamente com os conteúdos sombrios, e com o que Jung denominou, por complexo. A partir do desejo e da necessidade, mergulhamos em uma série de sentimentos e emoções como uma disposição da alma de sentir o gosto, a aflição, o terror, a amargura a tristeza, a paciência e a impaciência, a vida e, provavelmente, a morte.

Jung se refere a tudo o que somos como produzido pela nossa *psique*. O próprio ego é um complexo: uma multiplicidade de conteúdos que gravitam em torno do mesmo núcleo - o eu. A base dos complexos são os arquétipos e assim, ele fará uma distinção entre dois tipos de complexos.

No inconsciente pessoal encontraremos complexos que foram reprimidos e que deveriam estar associados ao eu, isto é, o indivíduo sente uma sensação de perda e o processo psicoterapêutico tem a função de tornar consciente esses complexos, associando-os novamente ao eu.

A sensação de perda experimentada no primeiro caso pode não ser sentida como alívio, a perda é confortável e só incomodará quando o indivíduo começar a viver as consequências dessa perda. Sendo assim, o segundo complexo explicitado por ele e comparado à ideia de espírito não é somente negativo, pois o arquétipo ou o conteúdo coletivo autônomo pode e tem uma qualidade positiva. (Jung, 1984, p. 37)

Na concepção natural primitiva a alma não é bem uma unidade, e sim um complexo múltiplo indeterminado, segundo Emma Jung (2006).

Há sobretudo dois investidos de grande significado, pois, pertencendo por um lado à personalidade, e por outro estando enraizados no inconsciente coletivo, eles constroem uma espécie de elo de ligação ou ponte entre o pessoal e o impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente. Essas duas figuras – uma masculina, a outra feminina – foram denominadas de *animus* e *anima*, por Jung. (Emma Jung, 2006, p. 15)

Segundo Emma (2006), ela explica que "Jung entende como um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa" e continua afirmando que uma personalidade interna apresenta as propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e assim, manifesta.

O homem desenvolveu o seu arquétipo de *anima* pelo relacionamento continuado com mulheres durante muitas gerações; e a mulher desenvolveu o seu arquétipo de *animus* pelo relacionamento com os homens. Vivendo e interagindo um com o outro durante gerações, cada sexo adquiriu características do sexo oposto que facilitam as respostas adequadas e a compreensão do outro sexo. (Hall e Nordby, 1980, p. 38).

Assim, de certo modo, os arquétipos de *anima* e *animus*, do mesmo modo que o de *persona*, têm um valor muito grande para a sobrevivência. Pensando sobre isso, e como esse assunto é recente, entendi como importante a diferenciação da *anima* e *animus* com o feminino e masculino, estabelecido pela sociedade, e como cada um é manifestado no *self*.

1. METODOLOGIA

O método utilizado nesse trabalho será uma análise baseada na do filme *A Garota Dinamarquesa*. Com o livro da obra também disponível para consulta, e possível comparações, foi analisado no filme o processo de individuação tanto na *persona* masculina, quanto na *persona* feminina.

O embasamento teórico fundamental no trabalho é a abordagem junguiana, que, segundo Penna (2003), vincula a realidade concreta e a abstrata, permite conhecer o desconhecido, ampliando a consciência. É uma concepção metodológica que compreende a percepção e compreensão dos eventos simbólicos arquetípicos.

O recurso metodológico escolhido para realizar a elaboração do trabalho, foi a utilização do filme “*A Garota Dinamarquesa*”, um filme dirigido por Tom Hooper¹, com estreia em 2016, no Brasil. O filme é baseado no livro de David Ebershoff, *Garota Dinamarquesa*, publicado em 2000 e readaptado também em 2016, também usado como consulta e base.

As razões para a escolha do filme foram dadas por alguns motivos. Entre eles, no entendimento que os filmes são um veículo moderno, com expressões arquetípicas dos temas, e também pela história da obra, que conta com um tema muito atual, acontecido em 1930 e como foi abordado. Além disso, foi de interesse pessoal abordar sobre os conceitos de **processo de individuação**, contando com um **self**, considerado totalidade para junguianos. Essa totalidade nos dá a possibilidade de interpretar que o feminino e o masculino (*Anima/Animus*) de cada indivíduo, são manifestados no próprio ser. Esses e outros conceitos serão explicados no próximo capítulo: Conceitos Básicos da Psicologia Analítica.

Concluindo, o filme e obra escolhidos são considerados obras de arte atuais e neles aparecem imagens e situações que podem ser interpretados como ilustrações de processos de individuação tanto no desenvolvimento masculino, quanto no desenvolvimento feminino. Para isso, será apresentada uma sinopse de cada obra para que seja possível o entendimento para a análise dos mesmos.

¹ Mesmo diretor de *Os Miseráveis* (2012) e *O Discurso do Rei* (2010)

1.1 FICHA TÉCNICA

O elenco do filme é composto por Eddie Redmayne (Indicado ao Oscar por Melhor Ator), Alicia Vikander (Vencedora do Oscar por Melhor Atriz Coadjuvante), Matthias Schoenaerts, Amber Heard, Adrian Schiller, Ben Whishaw, Cosima Shaw, Emerald Fennell, Jeanne Abraham, Ole Dupont, Rebecca Root, Richard Dixon, Sebastian Koch, Victoria Emslie, entre outros.

Com a direção de Tom Hooper e o roteiro de David Ebershoff – autor do livro – e Lucinda Coxon, o filme contou com: a produção de Anne Harrison, Eric Fellner e Tim Bevan; a fotografia de Danny Cohen; a direção de arte de Eve Stewart e Michael Standish (Indicados ao Oscar por Melhor Direção de Arte); com a montadora Melaine Oliver; a trilha sonora de Alexandre Desplat e com a distribuidora Universal Pictures.

Com produção realizada em 2015 e lançamento em 2016, o filme tem classificação de 14 anos, pela temática dramática de 120 minutos.

1.2 DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS

Einar Wegener: Pintor dinamarquês, nascido em 1882, em Vejle. Conhecido por suas obras de paisagem e casado com Gerda Wegener desde 1904.

Gerda Wegener: Nascida em Copenhague, Dinamarca, em 1886, foi uma pintora, desenhista e ilustradora. Casada com Einar, o retratava como Lili.

Ulla Paulson: No livro e na primeira versão do roteiro deste filme a personagem de Amber Heard era uma cantora de ópera chamada Anna Fonsmark. Mas no final, para o filme, a personagem passou a ser a bailarina Ulla Paulson. O personagem é inspirado em duas amigas de Einar: a atriz dinamarquesa Anna Larssen Bjorner e a bailarina do mesmo país Ulla Poulsen Skou. (<https://moviesense.wordpress.com/2016/01/21/the-danish-girl-a-garota-dinamarquesa/>)

- **Ulla Britta Poulsen Skou:** amiga de Einar, bailarina dinamarquesa nascida em 1905.

- Anna Larssen Bjorner: Nascida em 1875, em Copenhague, também era amiga de Einar e o incentivou que posasse.

Henrik Shandal: Primeiro homem que Lili se apaixonou e se relacionou, quando ainda morava em Copenhague, Dinamarca.

Lili Elbe (Lili Ilse Elvenes): Nascida Einar Wegener, ficou conhecida como a primeira mulher transexual a se submeter à cirurgia genital.

Hans Axcil: Amigo de infância de Einar, na qual tiveram um breve romance na infância, fazendo com que Lili nascesse dentro de Einar. Nascido em Vejle também, se aproximou de Lili e Gerda por volta de 1930.

Dr. Kurt Warnekros: Nascido em 1882, médico ginecologista alemão que acredita que Einar se vê como mulher e o médico que faz as cirurgias em Lili.

1.3 SINOPSES DO FILME

As sinopses do filme, apresentadas a seguir, estão disponíveis na *internet*. As sinopses serviram de auxílio para que a história do filme possa ser entendida, no próximo tópico do trabalho, **1.4 História do Filme**, feita pela própria aluna.

I. "A Garota Dinamarquesa é baseado no livro homônimo de David Ebershoff e mostra a história de amor real entre Lili Elbe e Gerda. Lili foi obrigada a viver como Einar Wegener desde seu nascimento, em 1882, época em que esse tipo de comportamento era encaminhado a médicos e psiquiatras. Até conseguir sua cirurgia, Einar foi exposto a tratamentos de radiação e tortura psicológica por parte de doutores que acreditavam poder corrigir o problema. Através do apoio de sua esposa e de seu melhor amigo de infância, Hans Axcil, Lili conseguiu ser uma das primeiras mulheres a passar por uma cirurgia de transgenitalização, após conseguir o também apoio de um médico alemão, Warnekros."

Extraído do site: <http://poltronanerd.com.br/filmes/critica-a-garota-dinamarquesa-e-mais-um-filme-esplendido-de-eddie-redmayne-26823> - Acesso 13 de março de 2016.

II. "O filme é a cinebiografia de Lili Elbe, nascido Einar Mogens Wegener, um artista plástico dinamarquês que teria sido a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero. Em um momento em que a medicina ainda não estava preparada para lidar com as possíveis complicações daquela intervenção. É preciso considerar que o filme foi baseado em um livro, que por sua vez foi baseado em uma história real, um marco na história da medicina e uma porta que se abria para os transexuais. [...] A trama foca o relacionamento do artista com sua esposa Gerda, sua descoberta como mulher e a reação de ambos durante o processo. Não há exposição sobre as reações da sociedade. As críticas não foram favoráveis nem ao desfecho do filme, nem a forma, sendo considerada por muitos como rasa na abordagem do assunto. Fato é que o enredo abre uma brecha para discussão e melhor compreensão do que é ser transexual. Esclarecendo: Diferente da homossexualidade, que é caracterizada apenas pela atração sexual e afetiva entre indivíduos do mesmo sexo, sem que haja incômodo com o próprio corpo, a transexualidade traz uma pessoa que não se identifica com o seu corpo, seu gênero psicológico não corresponde ao físico. Independente da ficção, a trama denuncia algumas questões reais. Por exemplo, na procura de solução para seu incômodo, Lili encontra até o diagnóstico de esquizofrenia. Dentre outras intervenções que tentavam "resolver" a questão, o choque também foi utilizado.

Ao longo da história, diferentes classificações foram utilizadas para diagnosticar indivíduos. A última classificação americana dos transtornos mentais (DSM-IV) retirou dos seus diagnósticos os termos transexualismo, travestismo e homossexualismo. Ao invés disso, adotou-se o termo Transtornos da Identidade de Gênero, (visto como menos preconceituoso ou discriminatório). Hoje, o sofrimento do indivíduo, que não se identifica com seu corpo, pode ser amenizado através de uma intervenção cirúrgica mais segura. Entretanto, ainda vivenciamos pensamentos retrógrados em relação ao tema. Talvez, seja a razão da perspectiva rasa adotada. Ainda assim, o filme oferece um olhar suave e delicado, capaz de tocar o espectador.

Na trama, acompanhamos Einar adotando com naturalidade os adereços femininos e, paulatinamente, reconhecendo o próprio corpo como algo que não corresponde à mulher que descobre habitar o seu ser. Aos poucos, Einar vai deixando de existir, dando lugar a Lili, um ser atormentado por habitar um corpo que

sente como estranho a si. Antes da transformação, ele é retratado em sua rotina boêmia, acompanhando a esposa em aventuras diversas, incluindo as cenas sexuais do casal. Até então, Einar demonstra apetite sexual pela esposa. São sutis os detalhes que mostram as iniciativas mais presentes nas atitudes de Gerda, só emergindo no decorrer da trama. É também a esposa que inicia o movimento de apreciar o marido vestido de mulher. Aos poucos, ele vai descobrindo sua identificação com o que podia ter sido fantasia, e Lili passa a ser a própria identidade. Não é mais possível retornar ao lugar que esteve até então.

As angústias experimentadas por Einar são apresentadas em delicados movimentos, são expressões suaves adotadas pelo ator. Mais do que diálogos, os gestos expressam a inquietude que pode tocar o espectador. O drama é provocador e as questões são sutis, o que não pode ser percebido e/ou aceito por qualquer público. Quase um século depois, ainda temos dificuldade para discutir abertamente sobre tudo que está fora do comum, ou seja, tudo que é diferente. As questões de gênero continuam urgentes e a sociedade precisa discutir e aceitar possibilidades de existência fora da “caixinha”.

Extraído do site: <http://www.psicologiaecinema.com/2016/02/a-garota-dinamarquesa.html#more> – Acesso 13 de março de 2016.

1.4 HISTÓRIA DO FILME

A história conta a narrativa real de Einar wegener, e sua mulher Gerda Wegener, pintores em Copenhague, capital da Dinamarca, em 1925, e como Einar descobriu sua sexualidade e toda a sua trajetória transgênera, que passou então, a ser conhecido como Lili Elbe.

Logo no começo do filme, na apresentação, têm várias paisagens, com árvores, neve, montanhas, pântano, até que aparece por mais tempo uma paisagem com algumas árvores, e um rio e pantão atrás. Essa paisagem, com destaque, se transformou em um quadro de Einar, em uma de suas exposições, com vários quadros muito semelhantes, feitas sempre por ele. As paisagens eram de Vejle, onde ele nasceu e cresceu. Ele era um pintor conhecido por essas paisagens.

Já no início do filme, a relação de Einar e Gerda se mostra ser muito boa, íntima, amigável e bem próxima, inclusive romanticamente e sexualmente. Todos sabiam do amor que eles tinham um pelo outro.

Einar demonstrava um interesse, logo no começo do filme, em passar as mãos nos tecidos e texturas de roupas que encontrava no teatro – onde ia visitar sua amiga Ulla, às vezes – e também nas roupas de Gerda. Uma vez, chegando a sua casa, encontrou uma peça da roupa da mulher no chão, e antes de dobrar, passou a mão por cima, conseguindo sentir o tecido. Pela precisão de pintor e pela delicadeza, Einar tinha o costume de corrigir o batom de Gerda, quando ela ia sair, e olhando fixamente, parecia ver beleza naquilo.

Após várias tentativas frustradas de Gerda engravidar, ela fica muito chateada e acaba duvidando que Einar sinta muito por não conseguirem, como se o questionasse a vontade dele ter de ser pai. Mas como a relação dos dois, sempre foi muito boa, aberta, e amigável, logo após essa discussão, Gerda conta para Einar que estava pintando Ulla, e que não conseguiu acabar o quadro, e que a amiga não poderia encontrá-la naquele dia para a finalização do mesmo, e então, pede que o marido pose de meia calça e sapato, para que ela termine o quadro.

Einar se mostra um pouco incomodado no início, mas veste as peças. Gerda fala que esta com dificuldade de visualizar a imagem como um todo, e pede que para melhor observação, ele colocasse o vestido na frente do corpo e com isso, ele fica extremamente confuso. Olha para ele mesmo de um jeito perturbado, mas logo começa a passar a mão pelo vestido, apertá-lo contra o corpo e parece ficar ainda mais perturbado pelo fato de achar estar gostando. Mesmo com a confusão em sua cabeça, Einar começa a esticar mais as pernas, para que a pose que ele estava fazendo, fique ainda melhor, e quando faz tudo isso, se observa muito. Ulla, que não deveria ir para o ‘ensaio’ chega logo em seguida e brinca que com ele vestido daquele jeito, eles teriam que chamá-lo de Lili, criando o que parecia ser um pseudônimo em um tom jocoso.

Concentrado em mais um quadro da paisagem de Vejle, Gerda comenta que o marido é tão concentrado no quadro, que parece que ele vai entrar no pântano, ao fundo. Em resposta, ele conta uma história de seu amigo de infância, Hans, e afirma

“o pântano está em mim”. Esse amigo, Hans, era um amigo que sempre ficava sentado ao seu lado, observando as paisagens.

Na cena seguinte, Gerda está de camisola, se aprontando para dormir, Einar a observa, e ao começar a tirar a roupa, ele pede para que ela pare, e faça companhia para ele na cama, para que ele possa sentir mais o tecido da roupa íntima de dormir dela, que ele observou ser nova. Em tom de brincadeira, Gerda percebe a fascinação do marido e brinca *“eu posso emprestar pra você, se quiser”*. Na noite seguinte, antes de dormirem, Gerda chega perto de Einar e percebe que é ele que está com a camisola. Mesmo com a estranheza que ela sentiu, ela continuou acariciando ele, e eles passaram uma noite romântica, Gerda agindo de forma mais delicada com Einar, como se naquela noite, ele fosse a mulher e ela o homem.

Na madrugada dessa mesma noite, Gerda acorda e começa a desenhar Einar dormindo. (Nessa cena, Einar está cobrindo o peito com a mão) Ao acordar e perceber que Gerda está o desenhando, ele começa a fazer gestos mais delicados, sorrindo, movimentando a mão de um jeito mais feminino e descobrindo o peito.

Ao acordar, ele fica muito pensativo, observando todos os desenhos que sua mulher fez e afirma que são muito bons. Como os dois são pintores, eles normalmente têm exposições e eventos para irem, e Einar nunca gostou muito. Portanto Gerda sugere que Einar não vá como ele, e sim como Lili. Começa então, o processo de transformação para a festa - maquiagem, peruca, salto, roupa – nessa modificação, Einar começa a treinar gestos suaves e delicados com a mão e com os braços.

Chegando a festa, Einar/Lili fica incomodado com os olhares de homens. Envergonhado, começa a olhar outras mulheres, para imitar o gestual. Até que um homem, Sandhal Henrik, se aproxima dela perguntando com quem ela tinha ido ao evento, e mostrando interesse. Ele chega até a dizer uma frase que mexeu com Lili: *“eu prefiro a sombra, e pelo o que eu pude observar, eu acho que você também”*.

Conversando com Sandhal e prestes a beijá-lo, Lili diz *“Einar não gostaria disso”* – dando a impressão que Lili gostaria, começando então, a haver uma separação entre o que as duas personas dele querem. Quando Sandhal segura seu

rosto e a chama de Lili, diversas vezes, Einar/Lili se emociona e sorri. Assim, ele a beija. Gerda vê o beijo e o nariz de Einar/Lili começa a sangrar.

Na manhã seguinte, Einar pergunta se a noite foi boa e se Lili se divertiu – dando a impressão de ser outra pessoa, e que não compareceu no evento. Gerda fica um pouco irritada e pergunta sobre o que aconteceu e, então, Einar explica: *“mas eu não era eu o tempo todo; houve um momento em que eu era só Lili”*. E afirma que quando ela foi Lili que Sandhal a quis.

Claramente incomodado com a conversa com Gerda, Einar vai até o teatro, tira toda a sua roupa, na frentre de um espelho, e se observa, até que coloca o seu pênis para trás ficando semelhante a uma vagina e sorri para o espelho com um olhar de alívio, aceitação e felicidade. Logo após, Lili se encontra com Sandhal, e quando eles estão se beijando, ele a chama de “Einar” fazendo com que Lili vá embora, muito incomodada e confusa.

Gerda chega em sua casa e é Lili que está lá. Ela está chorando e conta que não está bem, assumindo também que está tendo um caso com Sandhal, Levanta, entra no quarto, se troca e sai como Einar. Conversando com a mulher, ele afirma *“eu amo você, só você, mas Lili...”*, deixando entender que Lili não tinha esse amor romântico por Gerda. Ele comenta que não é a primeira vez que Lili se apaixona por alguém, que quando era mais novo, aquele seu amigo, Hans, uma vez o beijou. *“Ela se apaixonou por ele”*. Quando ela assumiu isso, começa a passar mal e cai no chão, de dor.

Vão ao médico e ele pergunta de onde Lili vem, e Einar responde “de dentro de mim”. O médico então explica que o diagnóstico dele é um *desequilíbrio químico*. Após uma sessão de radiação, o médico pergunta para Einar como está se sentindo e ele responde que ele machucou a Lili.

Com medo de o médico internar Einar e com uma oportunidade de expor em Paris, Gerda e marido fazem as malas e vão para Paris. Após algumas tentativas de animar e conversar com Einar, ele assume que não está mais conseguindo se lembrar de Vejle, nem da paisagem que estava costumado a desenhar.

Chateado com isso, Einar vai até um lugar semelhante a um bordel, onde homens assistem uma mulher nua, dançando e com um contexto sensual, e começa a copiar os movimentos e gestos dela. Com a imitação, ele chega a um momento que toca o seu pênis, e com isso, ele se assusta e para de imitar, desconcertado.

Gerda vai atrás de Hans, fala que o marido não pinta mais, e que acha que um amigo representando ele em Paris, o faria mudar de ideia e o amimaria. Após um segundo encontro, Gerda leva Hans até a casa dela, e quando chegam se encontram com Lili. Hans Percebe que há alguma coisa estranha no clima da casa e sente que Gerda está incomodada, mas começa a conversar com Lili, No meio da conversa, Lili/Einar afirma *“casamento cria uma outra pessoa, além de vocês”* e olhando carinhosamente para Gerda, se levanta e vai embora, com medo de ser descoberta. Hans diz para a mulher do amigo que está disposto a ajudar, caso ela queira ou precise.

Gerda vai conversar com Lili, tentando acalmá-la, e pede pra dormirem, que tudo ficará bem. Lili, então, pede que Gerda lhe empreste uma camisola para dormir. *“Lili nunca passou a noite”* Gerda disse, em tom de rejeição. *“Não importa o que estou vestindo, quando eu sonho, são sonhos da Lili”*.

No dia seguinte, Lili está super animada e diz para Gerda que mesmo com a preocupação financeira das duas, Lili pensou em uma solução: *“agora que eu voltei, posso posar para você.”*

Gerda tem mais uma exposição, só com quadros de Lili, mas Lili/Einar não acompanham a mulher. Quando encontra Hans, ele pergunta sobre o marido, mas Gerda tenta mudar de assunto, mesmo se mostrando chateada. Vai embora do evento quando observa Hans conversando outra mulher, e quando chega em casa, encontra Lili. Ela fala que Lili deveria ter feito companhia para ela, mas Lili afirma que não gosta dessas coisas. Gerda em um tom mais agressivo diz *“mas nós fazemos essas coisas juntos”*, mas tem como resposta *“você e o Einar”*, mostrando novamente a separação de duas pessoas diferentes. *“Por favor, pare com esse jogo”* – Gerda pede. *“Por favor, Gerda, não ache que isso é um jogo”* – Lili responde.

Gerda começa a demonstrar que não está mais tão bem com essa história de sempre Lili estar presente e diz que precisa de Einar, que precisa conversar com

ele, abraçá-lo e pergunta se Lili não é capaz de trazê-lo de volta, e Lili diz que sente muito, deixando a entender que não, não pode trazê-lo de volta.

Gerda fica brava e vai até a casa de Hans, abraça-o e beija-o, mas logo vai embora, assustada. Quando ela chega a sua casa, é Einar que está lá e diz *“não acho que possa dar o que você quer”*.

Com a amiga Ulla em Paris, ela fica assustada como Einar está magro e conta sobre um médico, interessado em homens como Einar, e acha que ele pode ajudá-lo. Einar vai até a biblioteca procurar sobre seu “problema” em um livro – *O Estudo Científico sobre Imoralidade Sexual*. Voltando para casa, dois homens começam a caçoar de Einar e de suas roupas e acaba apanhando na rua.

Todo machucado, Einar vai atrás de Hans e eles conversam sobre o que aconteceu e está acontecendo com ele, e os dois assumem que não entendem muito bem. *“às vezes penso em matar Einar, mas é só o pensamento que também mataria Lili que me impede”*. Hans ouve a confissão do amigo e se dispõe a ajudá-lo.

Em um dos médicos que Einar vai, ele diz *“eu não posso continuar vivendo sem saber quem eu sou”* e é diagnosticado com esquizofrenia e consegue fugir, antes de ser internado.

Em casa Einar pergunta se Gerda o acha louco, e ela responde que ele não é louco. Em seguida, ela pergunta se ela é a culpada, se ela quem fez isso tudo com ele, e ele responde *“você ajudou a dar vida á Lili, mas ela sempre esteve lá. Sempre esperando”*. Gerda se preocupou com a confissão do marido, e afirmou *“ela está te deixando doente”*. Einar desvia o olhar e diz de forma desesperançosa que não sabe mais o que fazer que nenhum médico pode ajudá-lo. A mulher lembra-se do médico que sua amiga Ulla, então, comentou com ela, e pergunta se ele não iria em mais um médico, dr. Warnekros.

No encontro com o médico, o mesmo lhe pergunta o que ele acha que explicaria o que ele tem passado, Einar responde então *“eu acredito que sou uma mulher, por dentro”*. Gerda, em seguida, fala que também acredita, fazendo Einar se surpreender. Mesmo com medo de que o médico os achasse loucos, o médico afirma que acredita nos dois, porque já conheceu outro homem como ele, e que ele

pôde operá-lo e transformá-lo em uma mulher, por completo. Mas que antes da primeira cirurgia o paciente teria fugido, com medo da mesma.

Em seguida, Gerda perguntou como era a cirurgia e o médico contou que era feito em duas partes: uma que removia as partes masculinas e outra para construir uma vagina. Quando contou dos riscos, Gerda disse que achava muito perigoso, mas Einar falou que era sua única esperança. Einar se despede de Gerda e Hans, com os dois mostrando muito respeito, carinho e aceitação. Quando a mulher fala que gostaria de ir junto, Einar/Lili é claro na resposta: *“você ama Einar, e eu tenho que deixá-lo ir.”*

Lili chega ao médico e inventa seu novo nome, inteiro, Lili Elbe (Elbe, como o rio). O médico a aconselha que ganhe peso, pois para a cirurgia que vão realizar, ela vai precisar ser muito forte. *“Este não é o meu corpo, doutor, por favor, leve-o embora.”* Enquanto conversa com uma das mulheres na clínica do médico, Lili comenta que está doente por dentro.

Na Dinamarca, ao mesmo tempo, Hans fala para Gerda ir atrás de Einar/Lili, pela sua preocupação. Cortando qualquer conversa, ela pede que Hans se afaste dela, mas se lamenta em seguida.

Logo após a primeira cirurgia, Gerda vai visitar Lili, que está com muita dor, e a base de morfina. Lili fica muito feliz com a chegada de Gerda e a mesma a chama pelo o novo nome. Na parte externa da clínica, as duas estão tomando sol, e Gerda está desenhando Lili. Conversando, Lili fala *“eu me transformei o que você desenhava; você me fez linda e agora está me fazendo ficar forte”*.

Voltando a Dinamarca, as duas morando juntas, Lili vai atrás de um emprego, em uma loja de perfumes. Deitadas na cama, as duas falam sobre casamento, e Lili expoe a vontade de querer casar, afirmando que Gerda foi casada com Einar, não com ela.

No dia seguinte, passeando, Lili encontra Sandhal e conta sobre a cirurgia que realizou, falando que um médico fez uma *“intervenção, para corrigir um erro na natureza”*. Sandhal pergunta se o médico a fez uma mulher, e tem como resposta

que Deus que lhe a fez, mas que os médicos estão a curando de uma doença de disfarce.

Em uma discussão com Gerda, Lili fala que ela tem que se acostumar que Einar morreu. Depois disso, Lili decide fazer a segunda cirurgia e pergunta se Gerda vai com ela, ou não, e a mesma assume que não ajudará Lili a se machucar. Logo em seguida, Lili respira, e com lágrimas nos olhos pergunta se Gerda pode ir com ela.

Antes da cirurgia, Gerda confessa estar preocupada com Lili, e ouve “*você ouvir meus desejos quando ninguém mais conseguia me ouvir*”. Voltando para o hotel para dormir, Gerda encontra Hans lhe esperando, e o abraça agradecida.

Na cirurgia, Lili perdeu muito sangue e estava com febre alta, dando a entender que o prognóstico não seria bom. Passados alguns dias, Hans e Gerda estão no quarto e perguntam como ela está e Lili responde sorrindo “*completamente eu mesma*”. Depois disso, Lili pede que Gerda a leve para o jardim e diz que ela não deve mais se preocupar com ela. Conta um sonho que teve na última noite, de ser um bebê no colo da mãe e a mesma a chamar de Lili. As duas muito emocionadas se olham, e de mãos dadas, até que Lili morre, deixando Gerda desconsolada e muito triste.

Gerda pede a Hans levá-la á Vejle, na paisagem que Einar sempre desenhava e conhece alguns pontos que ela só conheceu nos quadros. O filme se encerra com um lenço, compartilhado por Gerda e Lili, desde o meio do filme, voando e Gerda deixando-o ir.

1.5 ADAPTAÇÕES DO LIVRO PARA O FILME

”Na adaptação para o cinema, importantes detalhes foram omitidos ou modificados. Por exemplo, Lili foi submetida a 4 cirurgias, pois encontrou o amor e pretendia constituir família, ter filhos. Segundo diversos relatos, na ocasião de sua morte, Gerda já não convivia com Lili, que estava acompanhada de seu novo amor, um curador de artes. Gerda, por sua vez, bissexual assumida, após se divorciar do segundo marido, não obteve sucesso profissional e se tornou alcoólatra, encerrando

sua passagem pela vida no anonimato. Embora não haja qualquer menção à bissexualidade de Gerda na trama, é possível considerar algumas pistas, seja no roteiro ou na interpretação da atriz.”

Extraído do site: <http://www.psicologiaecinema.com/2016/02/a-garota-dinamarquesa.html#more> – Acesso 30 de março de 2016.

Para um trabalho mais fluído, consistente e claro, o livro foi pouco usado para a elaboração, devido algumas adaptações feitas do mesmo para o filme. Assim, como extraído no site, Lili faleceu após a quarta cirurgia: um implante de útero. Com essa cirurgia, foi possível observar o objetivo de transformação completa de Lili, como mulher completa, assim como ela afirma pra Gerda no final do filme.

1.6 IMPRESSÕES A PARTIR DO FILME

Ao assistir o filme, uma pergunta que, com certeza, passa pela cabeça, é se caso a mulher de Einar não tivesse começado a desenhá-lo com roupas femininas, ele teria percebido sobre sua orientação sexual e ido atrás da mudança?

Essa dúvida causou em mim interesse sobre o processo de transformação que Einar passa ao se tornar Lili, pensando sobre o processo de individuação. Na teoria junguiana a perspectiva inovadora que traz é que ao invés da infância ser determinante do desenvolvimento humano, todo o percurso da vida – incluindo a infância – seria fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Isso começa a responder a dúvida, fazendo crer que é possível esse ‘entendimento tardio’ para questões pessoais, ainda mais na época de aconteceu, por volta de 1930.

Byington (1988) define o processo como “a transformação da energia inconsciente em energia consciente, a serviço da cultura e da individualidade, por meio da elaboração simbólica”. Com isso, é possível perceber no filme a percepção – energia consciente – que Einar tem quanto aos seus desejos inconscientes e implicações disso na sua vida pessoal. Byington explica que é um processo que leva o indivíduo a uma diferenciação e a uma reunião com o universo. Lili explica com a sua transformação que ela fica completa como Lili, e assim, compreende que o

problema que aconteceu com ela, era um erro que ela precisa corrigir, fazendo as cirurgias.

Além de Byington (1988), Fordham (1994) e Feldman (1996) afirmaram, como pós junguianos, que o processo de individuação é um percurso da vida toda, e a formação da consciência ocorre desde o início da vida. No filme, pudemos ter vários exemplos que Lili tinha um certo incômodo, desde sua infância, quando teve o primeiro episódio como ela mesma, com o seu amigo, Hans. Mesmo assim, o processo de individuação dele/dela, foi acontecendo durante toda a sua vida. Segundo Felícia (2010) o processo de desenvolvimento da consciência é acompanhado pelo crescimento e desenvolvimento do corpo físico que aloja esse ego. Ou seja, conforme Einar foi crescendo a consciência dele com relação a seu corpo contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal.

Por mais que na teoria de Jung não haja nada muito específico sobre identidade de gênero, o processo de individuação teria a função do indivíduo "tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada" (STEIN, 1998, p. 156), assim, é possível ver como no decorrer de sua vida, Einar agiu para que Lili pudesse criar vida e se tornar- ele/ela- um indivíduo único e integrado. Tudo que ele queria era que, como Lili, ela o faria sentir –se completa e agir conforme sua mente pensava.

2. CONCEITOS BÁSICOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.

Nesse capítulo serão explicados os conceitos básicos da psicologia analítica, contidos nesse trabalho, fundamentado por essa teoria. Os conceitos junguianos apresentam tal característica : todos eles têm um escopo bastante vasto (Hall e Nordby, p. 25). Os conceitos também apresentam os seus perigos, como percebeu Jung. “Um conceito pode desviar ou limitar as nossas observações de tal forma que passamos a ver coisas que *não existem* ou deixamos de ver coisas que *existem*.”(Hall e Nordby, p. 25). Na psicologia junguiana, a *psique* é composta pela consciência e pelo inconsciente.

2.1 PSIQUE

Na psicologia junguiana, a personalidade como um todo é denominada *psique*. Esta palavra de origem latina significava, originalmente, “espírito” ou “alma”, mas atualmente vem sendo usada no sentido de mente. Abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos – tanto conscientes, quanto inconscientes. (Hall e Nordby, p. 25)

Jung mostra, através do conceito “psique”, a sua crença de que, o ser humano é, primordialmente, um todo e não uma reunião de partes que foram acrescentados à medida que as experiências fossem vivenciadas ou o aprendizado fosse concretizado. “O homem não luta para se tornar um todo; ele já é, já nasce um todo” (Hall e Nordby, p. 25). De modo explícito, Jung rejeita a concepção de algumas abordagens psicológicas que afirmam que a personalidade humana é formada aos poucos, e somente mais tarde em algum momento de sua existência, ocorreria um tipo de ação organizadora que traria unidade e coerência a todos esses fragmentos.

A psique não se resume apenas ao cérebro. É, antes de tudo, um processo em evolução contínua, repleto de energia. Esta energia é gerada a partir da própria tensão criativa entre as polaridades – opostos, que irá resultar na produção dos sonhos, imagens fantasias, enfim, nos símbolos da psique.

A psique compõe-se de numerosos sistemas e níveis e podem distinguir-se em três níveis de psique: *consciência, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo*. (Hall e Nordby p. 26)

2.2 CONSCIÊNCIA

O termo consciência significa conhecer algo desconhecido. É onde se dá toda e qualquer experiência da pessoa com ela mesma, seus sentimentos, sensações, emoções e reflexões. Ela é como um quarto que cerca, segundo Stein (2004), o conteúdo que temporariamente o ocupa. Segundo Hall e Nordby (1980) a consciência é a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo.

Por consciência entendo a referência dos conteúdos psíquicos ao eu enquanto assim for entendida pelo eu. Referências ao eu, enquanto não entendidas como tais pelo eu, são inconscientes. A consciência é a função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o eu. Consciência não é a mesma coisa que psique, pois a psique representa o conjunto de todos os conteúdos psíquicos. (Jung, [1991, pag. 401], 2004, p. 23-24).

A consciência é a relação de fatos psíquicos com o ego já que somente através dele algo pode se tornar conhecido. Os eventos, internos ou externos, precisam, então, passar pelo ego, que determina o que fica na consciência e o que dela se retira e nada pode se tornar consciente sem a existência dele. Seu desenvolvimento se dá através da interação entre o mundo e a psique individual; se dá através dos conflitos naturais entre o indivíduo e o mundo. A consciência não é algo fixo e imutável, mas sempre em desenvolvimento. Ela deve ser analisada sempre de maneira relativa, considerando-se o contexto histórico e cultural no qual está inserida. Com a consciência crescente, há também maior individuação, que tem como meta

O processo pelo qual a consciência de uma pessoa se diferencia ou se individualiza em relação a outras é conhecido como individuação e a meta desse processo é fazer o indivíduo conhecer-se a si mesmo tão completamente quanto for possível. A consciência e a individuação caminham lado a lado no desenvolvimento da personalidade, pois o início da consciência é também o início da individuação. Do

processo de individuação da consciência, surge um novo elemento, ao qual Jung deu o nome de Ego. A consciência está sempre referida ao ego e como consequência o inconsciente não o está. O ego faz parte da consciência, mas não é toda ela : é o centro da nossa consciência, mesmo não sendo ela toda.

2.2.1 EGO

Ego foi o nome dado por Jung à organização da mente consciente. Essa organização se dá por meio de uma composição de percepções conscientes, recordações, pensamentos e sentimentos. Embora ocupe pequena parte da psique total, o Ego desempenha a função básica de vigia da consciência: a menos que o Ego reconheça a presença de uma ideia, de um sentimento, de uma lembrança ou de uma percepção, nada disto pode chegar à consciência.

O ego é a ferramenta através da qual ocorre toda e qualquer investigação psíquica. Todo conhecimento que temos é direcionado pela capacidade e limitação de nossa consciência. O ego é altamente seletivo. Muito material psíquico é levado a ele, porém muito pouco sai do mesmo, ou nele atinge o nível da plena consciência. (Hall e Nordby, 1980, p. 27)

Para Jung, o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente. (Stein, 2004, p. 25).

Hall e Nordby (2000) afirmam que “o Ego fornece à personalidade identidade e continuidade, em vista da seleção e da eliminação do material psíquico que lhe permite manter uma qualidade contínua de coerência na personalidade individual “. Afirmam, então, que a pessoa só poderia individualizar-se na medida em que o ego permitisse que as experiências recebidas permanecessem conscientes.

A função principal da consciência e do Ego é a adaptação à vida, tanto interior quanto exterior – uma forma de tornar a vida mais fácil de ser vivida à medida que a consciência se expande e o ego se estrutura. Ao se estruturar, o ego corre o risco de se fechar em si mesmo afastando potencialidades que permitiriam a ele encontrar soluções mais satisfatórias à vida, ou seja, vai se tornando unilateral. Assim, o

desafio do Ego é abrir-se para as potencialidades presentes no inconsciente, para o novo, sem se desadaptar à vida externa, mantendo o diálogo inconsciente/consciente.

O Ego é o fator complexo ao qual estão relacionados todos os conteúdos da consciência, formando o centro da consciência sem ser idêntico a ela [...] Sendo o ponto de referência central da consciência, o Ego é o sujeito de todas as tentativas de adaptação em nossas vidas, realizadas por meio da vontade, possuindo um importante papel dentro da economia psíquica. (Jung, [1991], Hall e Nordby, 2000, p. 54)

O Ego dispõe de certa quantidade de energia e pela sua concentração podemos escolher alguns conteúdos e abrir mão de outros, além de canalizar nossa energia para modificar processo reflexos e instintivos (vontade). Assim como a vontade, a memória se inclui na parte psíquica do Ego.

Outra função do desenvolvimento do Ego e da consciência, além da questão adaptativa ao meio ambiente, seria a de garantir a própria existência, pois, para compreender o ser que há em cada um de nós, é necessário que criemos significados capazes de imprimir um sentido, um rumo a nossas vidas. E essa capacidade de criar significados e dar um sentido à existência é desempenhada pela capacidade de simbolização da consciência do Ego.

A individuação e o ego atuam intimamente ligados a fim de desenvolver personalidade distinta e persistente [...] A pessoa só poderá individualizar-se na medida em que o ego permitir que as experiências recebidas fiquem conscientes. (Hall e Nordby, 1980, p. 27)

2.3 INCONSCIENTE PESSOAL

Como Freud, Jung usa o termo “inconsciente” tanto para descrever conteúdos mentais que são inacessíveis ao ego, como para delimitar um lugar psíquico com seu caráter, suas leis e funções próprias. (Andrew Samuels²²)

²² Andrew Samuels é responsável pelo “Dicionário Crítico da Psicologia Analítica”, 1986.

O inconsciente se comunica com a consciência de diversas maneiras, sejam elas por meio dos sonhos, dos mitos, da linguagem poética, da fantasia e das inspirações. Muitas pessoas costumam ter visões e outras sensações sobrenaturais e guiam-se na vida por seus sonhos, por intuições interiores ou pelo contato com a natureza.

Os conteúdos do inconsciente pessoal, de uma maneira geral, têm fácil acesso à consciência quando surge tal necessidade. Os conteúdos armazenados no inconsciente pessoal são aqueles que não possuem energia para atingir ou permanecer na consciência. O inconsciente pessoal funciona como um verdadeiro banco de dados. Hall e Nordby (1980) exemplificam o complexo funcionamento desse sistema:

Uma pessoa sabe os nomes de muito amigos e conhecidos. Naturalmente, tais nomes não permanecem todo o tempo presentes na consciência, mas estão à disposição sempre que necessário.[...] Outro exemplo: podemos aprender ou observar uma coisa qualquer que, no momento, tenha para nós um pouco ou nenhum interesse. Anos mais tarde, esta coisa poderá se tornar muito importante e ser chamada do inconsciente pessoal. (p. 28).

Onde ficam os números de telefone, quando não está na consciência? Estão no inconsciente pessoal, que atua à maneira de um complicado sistema de abastecimento ou como um banco de memórias.

2.4 INCONSCIENTE COLETIVO

O inconsciente coletivo não é acessível a observação direta podendo ser somente inferida sua existência através de suas manifestações: imagens psíquicas, ideias universais, sonhos, fantasias, delírios e manifestações religiosas e míticas que, podem ser encontrados em todos os tempos e em toda parte. As matrizes e/ou componentes originais, que constituem o inconsciente coletivo, são denominados arquétipos.

Parte da psique que se pode distinguir do inconsciente pessoal. O inconsciente pessoal compõe-se de conteúdos que foram em certo

momento conscientes, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo jamais o foram no período de vida de um indivíduo. (Hall e Nordby, p. 31).

O inconsciente é um reservatório de imagens latentes, denominadas de "imagens primordiais" por Jung. (Hall e Nordby, 1980). O movimento da importância do conceito de inconsciente coletivo é: o ego, como centro da consciência, e o inconsciente pessoal, como repositório do material psíquico reprimido, não constituíam conceitos novos. (Hall e Nordby, 1980). Os conteúdos do inconsciente coletivo estimulam um padrão em formação por comportamentos pessoais, que será dado desde o dia que o indivíduo nascer.

Quanto maior o número de experiências, mais numerosas as probabilidades de imagens latentes tornarem-se manifestas. Eis por que um ambiente rico e muitas oportunidades de educação e aprendizado fazem-se necessários para a individuação (tornar consciente) de todos os aspectos do inconsciente coletivo. (Hall e Nordby, 1980, p. 33)

2.4.1 PERSONA

Persona significa 'máscara do ator' e refere-se aos papéis que desempenhamos no mundo, a pessoa tal como apresentada nas mais diversas facetas sociais, com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite. (Hall e Nordby, 1980, p. 36). É uma construção da psique adotada para um fim específico, de adaptação social. É extremamente necessária para o desenvolvimento do indivíduo, já que possibilita atuações coerentes com o meio em que se encontra, porém traz problemas para a pessoa caso ela confunda sua verdadeira essência com seu papel social.

A persona é o sistema de adaptação ou a maneira por que se dá a comunicação com o mundo. Cada estado ou cada profissão, por exemplo, possui sua persona característica [...] O perigo está, no entanto, na identificação com a persona; o professor com seu manual, o tenor com sua voz. Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e os outros pensam que somos. (Jung, 1985, p. 357).

Caso a pessoa se identifique com sua persona, ou seja, não mais perceba sua individualidade, pautando suas atitudes em determinada máscara social, ocorre uma rigidez em sua personalidade. Essa pessoa não se diferencia do papel que representa e passa a esperar que os outros ajam como ela. Não há uma separação do ego com seu papel social e a pessoa sente-se totalmente desamparada quando esse papel, por qualquer motivo, deixa de existir.

Tanto a fixação no aspecto puramente coletivo quanto a incapacidade de aceitar qualquer exigência social trazem dificuldades no desenvolvimento da personalidade da pessoa. Uma persona adequada possui amplitude para expressar tanto aspectos socialmente apropriados quanto para ser, ainda assim, uma verdadeira expressão da personalidade. Assim como a persona é desenvolvida com o objetivo de facilitar a adaptação social do indivíduo, a sombra se forma a partir de conteúdos não aceitos pela personalidade consciente.

A *persona* tem a importante função de anunciar aos outros como tal pessoa deseja ser vista. Muitas vezes, o sucesso da adaptação social vai depender da persona adequada. Há sempre algo de individual na escolha e no delineamento da persona: a maneira como se veste e como se movimenta, a postura corporal e tudo o que é feito e é voltado para o exterior. “ Um ego forte relaciona-se com o mundo exterior através de uma persona flexível ”(Hall, 2003, p.218).

A *persona* pode encobrir nossa verdadeira natureza e esconder as características que não costumam ser aceitas e que tendem a ser rejeitadas. A medida em que as deficiências pessoais são compensadas pela máscara e funcionando de modo a criar uma falsa imagem, encontra-se um problema, pois, o indivíduo coagula-se no “personagem” criado e de forma neurótica, apega-se a ele para não ter que lidar com suas próprias dificuldades.

2.4.2 SOMBRA

Como a psique procura um equilíbrio energético entre seus conteúdos para garantir sua saúde, podemos entender que quanto mais rígida for a persona, maior

será a tendência a uma regulação interna através da sombra. A sombra influencia o Ego, pois seus conteúdos estão privados da luz da consciência.

Sombra é toda parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal por ser oposta aquilo expresso por ele. Ela abarca tudo que consideramos inferior e inaceitável em nossa personalidade além daquilo a que não damos importância e não desenvolvemos em nós mesmos. Assim, ela contém tanto questões desagradáveis quanto potenciais de nossa personalidade não abarcados pela nossa consciência.

De acordo com Calvin Hall sombra é como:

Uma parte inconsciente da personalidade caracterizada por traços e atitudes, negativos ou positivos, que o Ego consciente tende a ignorar ou a rejeitar. (Hall, 2003, p.219).

De acordo com Jung (1994), pessoas com predisposição a desenvolver patologias mentais podem encontrar problemas ao trazerem à tona os conteúdos da sombra, pois estes não se diferenciam, inicialmente, do conteúdo existente no inconsciente coletivo e algumas vezes esses conteúdos podem apresentar-se de forma grotesca e horripilante.

Para que o indivíduo possa viver em sociedade, será necessário domar os ímpetos animais contidos na sombra e para que isso ocorra, é necessário desenvolver uma persona consistente que filtre a energia da sombra. Nem sempre a sombra apresenta traços negativos da personalidade. Muitas vezes aspectos positivos que foram reprimidos durante a história de vida do indivíduo fazem parte do conteúdo do arquétipo.

A sombra contém os instintos básicos e é fonte de intuições realistas e de respostas adequadas, importantes para a sobrevivência. Conforme Hall e Nordby (2000), “a sombra é um arquétipo importante e valioso, porque tem a capacidade de reter e afirmar idéias ou imagens que podem vir ser vantajosas para o indivíduo” (p.41). Vários são os recursos que o Ego utiliza para não se confrontar com a sombra e assim manter os conteúdos do arquétipo dissociados da consciência.

2.4.3 ANIMA E ANIMUS

O feminino e o masculino são atributos psíquicos presentes em toda humanidade, mulheres e homens. A anima é o arquétipo que representa o feminino no homem e o animus a representação masculina na mulher. (DE PAULA, 2008, p. 37)

Anima – e *animus* – são termos latinos que significam animar, dar vida. Anima é alma e *Animus* tem a função de espírito. Sua função psicológica é estabelecer uma relação entre a consciência e o inconsciente coletivo permitindo que o Ego entre em contato com conteúdos profundos da psique afim de caminhar em seu processo de individuação abarcando as potencialidades em sua consciência. Murray Stein (2006) afirma que se pensarmos na *alma* (anima) como algo que abandona o corpo na morte, como os gregos e romanos supunham, é equivalente a dizer-se que o *espírito* (*animus*) partiu.

Esse arquétipo é a ponte entre o Ego e o mundo interno, arquetípico, é através dele que acessamos o nosso mundo interior, nossa verdadeira essência.

A anima é o arquétipo da vida (...) pois a vida se apodera do homem através da anima, se bem que ele pense que a primeira lhe chegue através da razão. Ele domina a vida com o entendimento, mas a vida vive nele através da anima. E o segredo da mulher é que a vida vem a ela através da instância pensante do animus, embora ela pense que é o Eros que lhe dá vida. Ela domina a vida, vive, por assim dizer, habitualmente, através do Eros; mas a vida real, que é também sacrifício, vem à mulher através da razão, que nela é encarnada pelo animus. (Jung, 1985, p. 352).

O modo como essa integração acontece usualmente é através do resgate da projeção que ocorre nas relações com pessoas do sexo oposto durante toda a vida: pai, irmão, tio, professor na mulher, e mãe, irmã, tia, professora no homem e mais tarde nas relações amorosas estabelecidas. Projeção é um mecanismo de defesa em que o ser humano enxerga conteúdos penosos ou positivos seus na outra pessoa por serem incompatíveis com a sua personalidade. Ao se relacionar com outra pessoa aspectos da personalidade não conhecidos ou não aceitos são projetados nela e podem ser novamente reintegrados à consciência quando a pessoa percebe que aquele aspecto faz parte de sua personalidade. É através da

projeção que a pessoa pode perceber que determinada atitude, pensamento, sentimento, valor é seu, pertence a sua personalidade e não ao companheiro. (DE PAULA, 2008, p. 37-38)

Em suas obras mais recentes, Jung referiu-se a anima e animus como figuras arquetípicas da psique. Assim elas situam-se essencialmente para além da influência das forças que moldam e dão forma à consciência dos indivíduos, como família, sociedade, cultura e tradição. (STEIN, 2006, p. 116)

No homem o desenvolvimento da anima influi na maneira dele se relacionar com os outros, em especial, com as mulheres. O arquétipo da anima representa os instintos, a terra, a emotividade, a conexão profunda com as pessoas. São as imagens inconscientes que o homem possui da mulher. Quando pouco integrado à consciência esse arquétipo gera estados alterados de humor no homem, enxurradas de afetos indiscriminados. Este homem tem variadas alterações de humor, é melancólico, inseguro e retraído e apresenta dificuldades em seus relacionamentos. A anima não aceita se faz presente de forma destrutiva.

O ego desse homem passa a estar identificado com a personalidade da anima, a qual é, via de regra, hipersensível e impregnada de emocionalidade. A sua anima não é altamente desenvolvida e, em vez de ajudá-lo a enfrentar um humor opressivo, afunda-o cada vez mais nele. (STEIN, 2006, p. 120)

O mesmo ocorre com as mulheres em relação ao seu potencial masculino. O animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. O animus pouco integrado à consciência toma a mulher, da mesma forma que a anima toma o homem, e a torna preconceituosa, agressiva, repressora, dogmática, argumentadora e generalizadora buscando sempre ter a última palavra. (DE PAULA, 2008, p. 38)

Emma Jung [1934 (1995)] afirma que quando o *animus* e a *anima* são integrados à consciência eles se tornam um potencial criativo acarretando uma ampliação da personalidade e um relacionamento melhor com as pessoas, assim como com outras partes da própria psique.

2.4.4 SELF

Self é o centro ordenador e unificador da psique que abarca tanto o inconsciente quanto a consciência na busca do equilíbrio e da integridade. É o centro da totalidade da mesma forma que o ego é o centro da consciência. O conceito de personalidade total ou psique é um aspecto central da psicologia junguiana. (HALL e NORDBY, 1980, p. 43)

O Self conecta a pessoa no centro de si mesma, na busca de sua verdadeira individualidade ao mesmo tempo em que mantém a pessoa ligada a um centro transcendente, que vai além do indivíduo e abarca a totalidade. Ele garante o sentimento de totalidade que é a sensação de ter alguma meta na vida. (DE PAULA, 2008, p. 45)

O *Self* é o principal arquétipo do inconsciente coletivo, assim como o sol é o centro do sistema solar. Para que o Self possa se atualizar na vida do indivíduo e garantir a saúde psíquica necessária, o ego precisa estar forte o suficiente para que consiga ao mesmo tempo trazer à consciência aspectos do inconsciente, ampliando a vida psíquica, e se manter adaptado ao mundo externo. Para que o ego se torne forte o suficiente para mediar os dois mundos, consciente e inconsciente, ele precisa se diferenciar do self, de onde surge no início da vida.

Num momento posterior, em especial, na segunda metade da vida, o ego precisa fazer o caminho oposto, de voltar-se para seu centro, o Self, na busca de uma integração psíquica que garanta o sentimento de totalidade, de pertencer a algo maior, de nunca estar sozinho. Essa conexão ego-Self mantida transmite estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida.

O desenvolvimento de uma vida processa-se em dois planos distintos, em duas dimensões distintas da realidade: o primeiro plano é constituído pelas percepções da vida do indivíduo, suas motivações e ações. O segundo plano ultrapassa o individual, as relações de significado são o que caracterizam as ocorrências. (Pereira, 1998, p. 38).

A noção de totalidade implica na tentativa da psique de integrar as várias partes, no desenvolvimento de uma atitude que interrelacione a realidade visível e a

invisível que permite o sentimento pleno de ser no mundo. Essa interrelação ocorre constantemente com o objetivo de integrar novos conteúdos vistos como opostos na psique, possibilitando uma nova visão da vida que não mais exclua os opostos e sim que abarque o que era antes considerado divergente como uma única realidade, como uma totalidade.

O conceito de arquétipo do *self* figurou ser o resultado mais importante das investigações junguianas sobre o inconsciente coletivo. (...) "... o *self* é a meta de nossa existência, pode ser ele a mais completa expressão da combinação a que estamos fadados e que denominamos individualidade... (JUNG, vol. 7, p. 238)

Esse fluxo contínuo entre os opostos se apresenta a nós através das produções simbólicas: sonhos, fantasias, mitos, ritos, produções artísticas. É através do símbolo que o inconsciente se atualiza na consciência trazendo o enriquecimento psíquico necessário à vida do indivíduo.

2.5 INDIVIDUAÇÃO

A individuação é um dos principais conceitos da psicologia analítica. Refere-se ao processo de integração de partes inconscientes e conscientes da personalidade em direção à totalidade. É o processo de tornar-se unificado, indiviso e integrado.

De modo geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de constituição e particularização da essência individual, especialmente, o desenvolvimento do indivíduo – segundo o ponto de vista psicológico – como essência diferenciada do todo, da psicologia coletiva. A individuação é, portanto, um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. (Jung, [1921] (1991), p. 525).

A individuação, ou seja, a tendência a tornar-se si mesmo é algo natural e intrínseco a todo indivíduo. Para que possamos cumprir nosso processo de individuação, nos constituindo como seres humanos integrados, precisamos descobrir nossa própria essência, nossa verdadeira individualidade. Um erro comum, segundo Jung (1985), é confundir a tomada de consciência de quem se é

realmente com egocentrismo já que quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos mais nos relacionamos com o mundo de forma completa: “A individuação não exclui o universo, ela o inclui” (p. 355).

A individuação é a manifestação, na vida, do potencial inato e congênito da pessoa. Nem todas as possibilidades podem ser realizadas, de modo que a individuação jamais se completa. A individuação é mais busca do que alvo, mais direção a seguir do que local de descanso na caminhada. O ego em processo de individuação alcança, repetidas vezes, pontos nos quais deve transcender a imagem que fazia de si mesmo até então. Trata-se de uma experiência dolorosa, pois o ego se identifica continuamente com as imagens que faz de si mesmo, acreditando que a imagem com que se identifica num dado momento seja a pessoa ‘real’. (HALL, 1988, p. 62).

A individuação é um processo natural e necessário ao pleno desenvolvimento do indivíduo e o inconsciente nos transmite o caminho a seguir através de sonhos, imagens, situações de vida que precisam ser apreendidos e incorporados à consciência para que esse processo ocorra de forma satisfatória.

A individuação é um processo autônomo e inato, o que significa que não precisa de estimulação externa para começar a existir. A personalidade de um indivíduo está destinada a individualizar-se tão fatalmente quanto o corpo está destinado a crescer. (HALL e NORDBY, 1980, p. 71)

Caso não sejam percebidos os sinais do inconsciente, não ocorre a ampliação da consciência. Os conteúdos que precisam ser compreendidos para que o processo se realize continuam invadindo a consciência de formas mais negativas: doenças, acontecimentos dramáticos na busca do equilíbrio psíquico necessário a todos.

O processo de individuação nunca é plenamente alcançado, pois sempre teremos conteúdos inconscientes a serem integrados à consciência, mas é necessário buscar a melhor realização possível de si mesmo. É através desse processo, de um maior contato com o Self, que vamos nos conhecendo, retirando nossas máscaras e as projeções que lançamos no mundo e integrando-as em nossa personalidade de onde surge o sentimento de pertencer a uma totalidade, de um sentido maior de vida.

Quando o indivíduo está adequadamente preparado, ajustado e consciente, a transição das atividades da infância para uma vocação pode se fazer sem grande dificuldade. Mas quando se apega às ilusões da infância e não consegue reconhecer a realidade, quase que com certeza ele haverá de se deparar com uma infinidade de problemas. (HALL e NORDBY, 1980, p. 80)

3. O FEMININO E O MASCULINO NA OBRA

Na obra podemos perceber como o filme trabalhou o tema da identidade de gênero de Einar/Lili. Para identificarmos os sinais, será usado frases para mostrar a construção da identidade dele e, em seguida, como esse processo funcionou para que ele pudesse se estruturar e desenvolver a anima, o ego para que o processo de individuação fosse possível.

3.1 SINAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA ANIMA

Logo no começo do filme, é possível perceber o interesse que Einar tem nas roupas femininas de Gerda, e as que encontrava no teatro, quando ia visitar sua amiga, Ulla. O interesse dele começou visualmente, depois ele sentiu a necessidade de sentir (tato) e em seguida, o desejo de vesti-las, para sentir e conseguir observar, em seu próprio corpo.

Na sua primeira experiência, posando para Gerda com vestuário feminino, Einar fica incomodado ao se ver com aquelas roupas, mas seu incomodo maior foi quando ele percebeu que gostava da experiência que esatava passando. Algumas frases, separadamente, revelam grandes sinais que Lili sempre esteve presente no Einar, como por exemplo:

- **“o pântano está em mim”** – as imagens que Einar sempre pintava, tinham ao fundo um pântano, e Gerda afirmava que quando ele pintava, se concentrava muito, falando que tinha receio que um dia, de tanta concentração, ele entrasse dentro, e assim ele afirma que tudo que tinha ali, já existia dentro dele, como se fosse uma espécie de sombra interna que existia.

Quando Einar se interessa pela camisola de Gerda, ele pede para que ela não a tire, para observar e sentir ela. Porém, na noite seguinte, a admiração vai além, é Einar que está com a camisola. Gerda, com sua compreensão e bissexualidade discreta no filme, não comenta nada e eles passam uma noite romântica, sendo que Gerda passa a agir mais como homem na hora do ato sexual.

Decidido que iam na festa, Einar vestido de Lili, começa o treinamento: andar de salto, gestos, maquiagem, etc. Esse processo contou com uma grande dedicação de Einar sobre essa nova personagem que estavam criando. Na festa, Lili se encontra com Sandhal, que fala outra frase muito importante para a obra:

- **“eu prefiro a sombra, e acho que você também”** – Sandhal afirma que por Lili andar nos cantos, ela deve gostar da sombra, assim como ele. No decorrer do filme, é revelado que Sandhal é homossexual, podendo fazer uma relação com a sombra, ou seja, um segredo que ele tinha. A sensibilidade que Sandhal nos faz ter é que talvez ele tenha tido uma percepção, ao ver que talvez Lili também escondesse um segredo, um mistério.
- **“Einar não gostaria disso”** – quando Sandhal está para beijar Lili, ela afirma o que conseguimos entender que sua ‘persona masculina’, Einar, não aprovaria o beijo entre eles. Porém, quando o mesmo acontece, é possível perceber que Lili queria o beijo, independente de Einar, e no momento que permitiu, só conseguiu pensar como Lili, talvez como a primeira vez no filme, assim como o mesmo afirma logo em seguida, em uma conversa com Gerda: **“Houve um momento em que eu era só Lili”**.

Nervoso e aflito com que estava acontecendo com ele, Einar vai até o teatro, onde normalmente passava as mãos em alguns tecidos de roupa. Chegando ao teatro, Einar tem uma atitude inédita: tira toda a sua roupa em frente do espelho, em uma velocidade rápida, como se estivesse desconfortável naquele vestuário, uma pressa para que ele possa se ver nu. Ao observar, ele repete gestos mais femininos com os braços, e não satisfeitos, cobre o pênis, colocando para trás e prendendo com as pernas, para que ficasse semelhante à uma vagina. Assim, ele se observa com mais calma, dando impressão de aceitação e conforto com aquela imagem, com um sorriso calmo no espelho e admiração com seu corpo ‘novo’.

Lili vai encontrar Sandhal em sua casa, e após uma breve conversa, ele tenta beijá-la. Mesmo tentando evitar no começo, Lili permite que Sandhal a beije, e no meio de um beijo, ele diz o nome ‘Einar’, fazendo com que Lili ficasse extremamente

desconfortável, a ponto de ir embora correndo. A impressão que isso transmite é que Sandhal teria lembrado Lili quem ela ainda era, e também revelando que sabia de sua verdadeira identidade. Esse incomodo de Lili corresponde à certeza que ela tinha em seu sentimento, enquanto Lili. Quando Einar é citado, é como se se ela continuasse ele, aquele sentimento não seria condizente.

Vestido como Einar, e assumindo para Gerda sobre seu envolvimento com Sandhal, a mesma pergunta se ele estaria apaixonado pelo ‘amante’, e ele, com clareza, responde que ele não, que ele só ama Gerda, mas que é diferente com Lili. Nessa mesma conversa, Einar assume que também se envolveu com Hans, aquele amigo de infância, de Vejle: **“Ela se apaixonou por ele”**.

Já morando em Paris, por conta da exposição de Gerda e da fuga de internação de Einar, Gerda percebe que ele tem andado muito triste e quieto e o chama para posar para ela o desenhar. Pedindo desculpas ele nega e conta que está começando a se esquecer da paisagem de Vejle. Com isso, podemos perceber que a paisagem de Vejle estava diretamente ligada com a personalidade de Lili, pois quando ele foi obrigado a permanecer Einar, ele não conseguia mais desenhar.

Fugindo de uma possível discussão com Gerda, Einar vai até um prostíbulo e paga para ver uma mulher, semi nua, dançando, seduzindo e tirando a roupa. Ao invés de assistir para ver se podia sentir prazer naquela cena, Einar começa a imitar os movimentos da moça, e os gestos delicados, como se estivesse aprendendo a fazer tudo aquilo. Ainda imitando, a moça vai descendo sua mão pela barriga e com Einar imitando, até que ele mesmo sente o seu pênis, e chocado, como se tivesse esquecido, vai embora correndo.

Gerda vai atrás de Hans, amigo de Einar e representante de arte de Paris. Seu objetivo em sua procura foi para que o antigo amigo ajudasse Einar, como se o contato entre os dois fizesse Einar parar de ficar triste. Combina um jantar para que os três possam ir, mas Einar não aparece, mesmo tendo ficado feliz de saber sobre a probabilidade de se encontrar com Hans. Gerda vendo que o marido não encontrará os dois no restaurante, pede que Hans vá com ela até sua casa para encontrá-lo. Quando os dois chegam, Lili está sentada no sofá. Ao cumprimentar Lili, Hans fica claramente confuso sobre o que está acontecendo, mas age naturalmente

para que não haja nenhum mal entendido. Convesando sobre a infância dos dois – Hans e Einar – mesmo como Lili, a mesma começa a fazer perguntas pessoais para Hans, sobre casamento, por exemplo. Lili afirma que casamente é algo que todos deveriam usufruir, pois **“o casamento cria uma pessoa, além de vocês dois”**. Olha para Gerda, e ambos sorriem um para o outro, até que Lili fala ‘imagina que terrível senão...’ fica perturbada e sai da sala. O que é possível perceber nessa cena é que Lili tem consciência que foi definida, determinada, personificada no casamento de Einar com Gerda, e então sofre com a possibilidade de não ter acontecido isso.

Hans oferece ajuda para Gerda, e dá a impressão de ter entendido toda a verdade, mas ela pede que ele vá e que se vejam outro dia. Indo até Lili, Gerda pergunta se está tudo bem, e fala para dormirem para tudo passar. Ineditamente, Lili pede para Gerda uma camisola para dormir, mas tem uma resposta negativa de Gerda, falando que Lili nunca passou a noite. **“Não importa como eu esteja vestida, quando eu sonho, são sonhos da Lili”**. Dormem juntas, ambas de camisola.

No dia seguinte, Lili parece mais afirmada, mais absoluta, e então está alegre e leve, a ponto de usar a frase: **“agora que eu voltei, posso posar para você”**. Falando com Gerda, que ela pode usar Lili para fazer quadros e elas melhorarem de vida, financeiramente.

Dito e feito, Gerda faz mais uma exposição com os quadros de Lili e mais uma vez, Einar/Lili não vai. Desconfortável com essa situação, Gerda vai até sua casa, se encontra com Lili e pergunta até quando ele vai jogar o jogo de ser Lili? Incomodada com a pergunta, Lili pede que Gerda não ache que aquilo é um jogo. Gerda então fala que sente falta do marido, que quer abraça-lo, conversar com ele, mas Lili diz que, infelizmente, não pode fazer nada.

Passadas algumas cenas, descritas na *História do Filme*, acontece um diálogo entre Einar e Hans, na qual Einar afirma: **“às vezes eu penso em matar Einar, mas é só o pensamento que mataria Lili também, que me impede”**. Hans promete ajuda ao amigo, e diz que vai ajudá-lo na ida aos médicos, etc.

Depois de vários médicos e frases do tipo: **“não posso continuar vivendo sem saber quem eu sou”** eles chegam ao último médico, Dr. Warnekros, e Lili/

Einar afirma: **“eu acredito que eu seja uma mulher”**. O médico conta sobre a cirurgia que Lili pode se submeter, e assim Lili aceita todo o processo, falando que aquele corpo não é dela.

Após a primeira cirurgia, Lili divide com Gerda a vontade que anda tendo sobre casar e poder constituir uma família, começando a dar sinais de uma possível maternidade. Assim, ela aceita passar pela segunda cirurgia (no filme, no livro foi a quarta ou quinta cirurgia que ela se submeteu, um transplante de útero, para que o sonho de ser mãe, e mulher por inteira, pudesse se realizar) e logo quando acorda, Gerda pergunta como ela está se sentindo e tem como resposta: **“completamente eu mesma”**. Apesar de pouco tempo que Lili conseguiu sobreviver após essa cirurgia, ela se mostrou muito realizada e compartilha um sonho à Gerda, de sua mãe carregando Lili bebê e a chamando por esse nome. Após o relato, Lili não aguenta e morre.

Todos esses sinais foram mencionados para a reflexão da importância da construção que Lili teve dentro do contexto de seu casamento, da sociedade, da relação com os outros e também, da relação com si mesma/Einar.

3.2 DESENVOLVIMENTO DA ANIMA

Para Jung (1981), anima e animus constituem uma disposição interna complementar à atitude adotada externamente, que é presentificada pela persona, espécie de máscaras que possibilita ao indivíduo se inserir e atender às solicitações advindas da rede de relações sociais, das quais participa (OLIVEIRA, 2007, p. 21). A persona responde às demandas do mundo externo, enquanto anima/animus é uma disposição (ou atitude) que governa as nossas relações com o mundo interior do inconsciente – imaginação, impressões subjetivas, ideias, humores e emoções (STEIN, 2000, p. 119).

É precisamente as já citadas falta de desenvolvimento e inferioridade que conferem, entretanto, à anima e ao animus esse potencial para um maior desenvolvimento na psique. Porque a persona está baseada em valores e características de natureza coletiva – seja o que for que porventura esteja “na moda” no que se refere ao comportamento e atitudes masculinos e femininos num dado

momento da cultura –, o potencial para vir a ser único como indivíduo não reside na persona mas em outro ponto da psique. (STEIN, 2000, p. 127).

Segundo Emma Jung (2006) é permanecido o fato de que uma determinada quantidade de espírito masculino amadureceu na consciência das mulheres e deve encontrar em suas personalidades seu lugar e sua atuação.

A circunstância de que anima e animus determinam um ao outro, isto é, que uma manifestação de anima evoca o animus e vice-versa, com o que põe-se em andamento em círculo vicioso difícil de interromper, forma-se uma das piores complicações no relacionamento entre homem e mulher. (JUNG, Emma, 2006, p. 25)

Emma (2006) também afirma que a anima, sendo o feminino no homem, possui essa receptividade e falta de preconceito em relação ao irracional, e por essa razão “ela é qualificada de mensagem entre o inconsciente e a consciência.” (p.68) E continua: *“a anima representa a ligação com a fonte da vida que está no inconsciente”* (p. 79)

Todo homem leva dentro de si a imagem eterna da mulher, não a imagem desta ou daquela mulher em particular, mas sim uma bem definida imagem feminina. Esta imagem é fundamentalmente inconsciente, um fator hereditário de origem primordial gravado no sistema vivo e orgânico do homem, uma impressão ou arquétipo de todas as experiências ancestrais da fêmea, um depósito, por assim dizer, de todas as impressões deixadas pela mulher... Sendo inconsciente, tal imagem é sempre projetada na pessoa amada, e constitui um dos principais motivos da atração apaixonada ou da aversão. (JUNG, vol. 7, 1972, p. 198)

Stein (2000) afirma que o *animus* é a imagem interna de uma mulher da personalidade masculina. E continua: “as imagens masculinas e femininas alojadas no inconsciente de cada sexo, respectivamente, são primordiais e mantêm-se mais ou menos inalteradas por circunstâncias históricas ou culturais.

4. O *SELF* E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Segundo D'Andrea (1996) o objetivo de transformar o ego em *self* se faz em três dimensões: 1) na relação do *self* com a cultura (ou sociedade); 2) na relação do *self* com a natureza (não-humano); 3) na relação do *self* consigo mesmo (com a sua pessoa, elaborando sua personalidade). Assim foi dividido para explicar, citando cenas e falas do filme, que representem cada dimensão que compõe essa transformação.

4.1 SOCIEDADE

Para diferenciar melhor como a sociedade via Einar/Lili, como sua mulher o/a via, e como ele/ela mesmo lidou com si mesmo, falarei separadamente dos dois, para depois poder relacioná-los melhor.

Quando Einar, era aceito pela sociedade em que vivia com a sua mulher, Gerda. Era um renomado pintor, conhecido por toda Copenhague e parte da Europa. De tão conceituado, transmitia receio às pessoas que posavam para Gerda, que então pediam para Einar não estar em casa durante o processo. Muito conhecido no mundo artístico, Einar era constantemente chamado para ir a festas, era convencido algumas vezes para ir por sua mulher, mas não sentia vontade de fazê-lo.

Em relação ao relacionamento com a sua mulher, Gerda, desde o começo do filme, se mostrou ser íntima, amigável, romântica e perfeita aos olhos de todos os outros. Enquanto Einar, era muito respeitado pelas suas obras, apesar de muitas vezes, Gerda afirmar que não entendia como ele conseguia pintar sempre a mesma paisagem, mas admirava sua concentração quanto à suas obras. Mesmo após algumas tentativas e não conseguindo ter filhos, Gerda e Einar mantinham uma relação amorosa e sexual satisfatória boa. A intimidade dos dois permitia que vivessem com humor, e isso tudo fez com que a aceitação de Lili fosse boa.

Em relação a si mesmo, Einar expressava um desconforto muito grande em público. Sua roupas pareciam incomodá-lo e ele raramente conseguia ficar muito tempo olhando para a frente, repetidamente olhando para os lados ou para baixo,

diante do olhar de outra pessoa. Muito magro, tentava ser discreto em todos os lugares onde ia, como se estivesse desconfortável.

Quando Lili, vestida de mulher, na primeira festa ela fica extremamente incomodada com todos os olhares que atrai, parece ficar desconfiada e com medo de ser reconhecida. Como Lili, era a moça que originou as obras de Gerda e por isso havia muito interesse em saber da onde Lili tinha surgido, quem era ela.

A sua relação com Gerda, por mais difícil que fosse, era uma relação com muita amizade. Gerda, a partir de certo momento, começou a apoiar Lili em sua transformação e acreditava que era muito difícil o que ela estava passando. A intimidade que as duas tinham permitia que pudessem ser sinceras uma com a outra e que falassem o que sentiam e como entendiam as coisas.

Em relação a ela mesma, suas vestidos não são tão justos quanto o paletó que Einar usava. Começou a usar mais cores, como *blush* e batom. Apesar da vergonha que sentia no começo da “transformação”, Lili não se curvava ou desviava o olhar quando conversava com alguém. Após algum tempo, com o costume, Lili já olhava diretamente para as pessoas, como se estivesse muito confiante e querendo que os outros entendessem que ela era realmente uma mulher, e que os outros tinham que aceitar.

4.2 NATUREZA

No período neo-iluminista a natureza é o espaço do descontrole e da falta de luz, devendo ser conhecida e controlada pela humanidade e a civilização que tem a razão e a ciência como resumo. (D’ANDREA, 1996, p. 97)

No filme podemos perceber a mudança da temperatura das cores no começo e depois da metade do filme. No começo do filme, com Einar, as tonalidades são acizentadas, com uma tonalidade azul, uma impressão de sentimentos profundos. Ainda no início, Einar veste roupas justas no começo do filme – terno e gravata – dando a impressão de desconforto e necessidade de ajuste em um padrão pré-estabelecido.

Mesmo com uma relação amorosa e a intensa intimidade entre Einar e Gerda, as tonalidades das cenas no começo do filme são frias, dando a impressão na primeira metade do filme que há tristeza e um modo de viver praticamente automático.

Porém, assim que Einar começa a posar para Gerda, as cores começam a ficar mais vivas, com tons mais avermelhados, como se Einar estivesse se soltando e ficando mais alegre. Os tons amarelados e avermelhados são acompanhados com uma cor marrom, fazendo com que tenha certa escuridão escondendo a felicidade que Einar estava sentindo em ser Lili.

Por fim, quando Lili decide começar os processos cirúrgicos, a iluminação fica mais clara, com cores brancas predominando a fotografia da obra. Essa claridade passa uma sensação de paz, que relacionando com o filme, faz se pensar que seria a paz que Lili estaria sentindo a partir do momento que decidiu se transformar no que acreditava ser, ou que deveria ter sido.

4.3 SI-MESMO

Considerado a característica mais fundamental da visão de Jung, é considerada a chave para toda a sua teoria psicológica, e é considerado transcendente, o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o (STEIN, 2000)

Quando o ego está bem ligado ao si-mesmo, uma pessoa mantém-se em relação com um centro transcendente e não está narcisisticamente investida em objetivos míopes e ganhos a curto prazo. Em tais pessoas, existe uma qualidade sem ego, como se estivessem consultando uma realidade mais profunda e mais ampla do que as meras considerações práticas, racionais e pessoais típicas da consciência do ego. (STEIN, 2000, p. 138)

Em relação a si-mesmo, Einar passou por um breve processo de aceitação interna, com muitos receios e medo de como ia ser aceito por Gerda e pelos outros. Para que não sentisse diretamente qualquer preconceito ou crítica, Einar, junto de Ulla e Gerda, criaram Lili. Essa criação, fez com que Einar/Lili tivesse coragem de expor os seus sentimentos mais profundos, dando a desculpa em seu personagem,

ou a omissão de culpa por não se responsabilizar por alguns atos, como beijar um homem em sua primeira festa, como Lili.

A aceitação que Einar teve sobre Lili, ou seja, sobre ele mesmo, tem relação com o ego ligado a si-mesmo, e seus aspectos mais profundos e amplos. Só quando Einar/Lili teve a consciência do que estava acontecendo com ele/ela, foi que ele conseguiu expressar melhor o que sentia, o que pensava e que foi atrás de um acerto de um problema que ele tinha nascido, segundo Lili explicava.

4.4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Jung (1981) ressalta que a condição de desarmonia e dissociação internas resulta em sentimento de incompletude, que requererá o reconhecimento e a apreensão emocional do complexo. Seus conteúdos precisarão ser conhecidos, sentidos e significados para que sua autonomia . Faz-se necessário o recolhimento das projeções e a apreensão dos conteúdos inconscientes, com consequente ampliação da consciência.

A integração da sombra significa restabelecer à personalidade conteúdos que lhe são próprios. O sujeito pode viver uma maior proximidade consigo mesmo.

Trazendo o inconsciente pessoal à consciência, a análise toma o indivíduo consciente de coisas, que, em geral, já reconhecia nos outros, mas não em si mesmo. [...] A anulação das repressões pessoais traz à consciência, em primeiro lugar, conteúdos meramente pessoais, entretanto já estão aderidos a esses conteúdos elementos do inconsciente coletivo. (JUNG, 1981, p. 137)

Uma vez que o indivíduo conta com uma identidade pessoal, colocou-se no mercado de trabalho, é responsável por suas necessidades objetivas, [...] ele pode e se vê impulsionado a entrar em contato com o mundo interno, realizando o Si-Mesmo (Self). (OLIVEIRA, 2007, p. 22-23).

Byington (1987), Fordham (1978) e Neumann (1990) estenderam o conceito de individuação para incluir a primeira metade da vida, abarcando o desenvolvimento do ego e estabelecimento da persona como etapas importantes do processo no qual

o indivíduo se tornar o ser único que ele é, *"sua singularidade mais íntima, última e incomparável"* (JUNG, 1981, p. 163).

A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. (JUNG, 1981, p. 164)

O processo de individuação consiste, portanto, em delicado arranjo no qual devem ser considerados o pessoal e o coletivo, a singularidade e a universidade (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

CONSIDERAÇÕES

Em muitas críticas para a realização desse trabalho, foi observado que o tema suscita muitos comentários sobre o tempo atual. O livro, com primeira edição em 2000, nunca conseguiu ser transformado em filme, por diversos motivos. O filme teria como problemáticas a aceitação do público, a repercursão – polêmica. Porém, na nossa sociedade moderna contemporânea que vivemos hoje em dia, o tema, além de ser aceito, obteve uma repercursão gigante, concorrendo até ao Oscar de melhor filme.

Apesar de uma parcela da obra ter sido trabalhada nesse projeto, há outras diferentes partes à serem aprofundadas. Alguns temas que poderiam ser trabalhados são: a transexualidade em si, assim como, a transexualidade naquele contexto histórico e social; o papel da Gerda no processo; as imagens desenhadas por Einar e por Gerda; aspectos de gênero, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, F. R. R. S.; PENNA, E. M. D., *A Paixão na Adolescência*, Trabalho de Mestrado, PUC-SP, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt, *A arte da vida*, 1ª edição, Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt, *A liberdade*, 1ª edição, Editora Estampa, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt, *O Mal Estar da Pós Modernidade*, 1ª edição, Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade Líquida*, 1ª edição, Editora Zahar, 2001.
- D'ANDREA, Anthony, *O self perfeito e a nova era*, Editora Loyola, 1996.
- DE PAULA, Lilian, *A Lenda da Mulan – A Jornada da Mulher e do Feminino*, Trabalho de Monografia, PUC-SP, 2008.
- EBERSHOFF, David, *A Garota Dinamarquesa*, 2ª edição, Editoria Fabrica 123, 2016.
- HALL, Calvin e NORDBY, Vernon, *Introdução a Psicologia Junguiana*, 1ª edição, Editora Cultrix, 1980.
- JACOBY, Mario, *O Encontro Analítico*, Editora Cultrix, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da psicologia analítica*. 3ª edição. Editora Vozes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5ª. Ed.: Vozes, 2002.
- JUNG, Carl Gustav, *O desenvolvimento da personalidade*, 8ª edição, Editora Vozes, 1998.
- JUNG, Carl Gustav, *O Homem e seus Símbolos*, 2ª edição, Editora Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Emma, *Animus e Anima*, 5ª edição, Editora Cultrix, 2006.
- OLIVEIRA, L., *Coisas de Menina – Análise simbólica da personagem Buffy – A Caça-Vampiros*, 2007

PENNA, Eloísa M. D., *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*, Metrado em Psicologia, PUC-SP, 2003.

SAMUELS, Andrew, *Jung e os pós-junguianos*, Editora Imago, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur, *Aforismos para a Sabedoria de Vida*, Editora Wmf Martins Fontes, 2002.

STEIN, Murray, *JUNG – O Mapa da Alma*, 1ª edição, Editora Cultrix, 2000.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

FILME

Garota Dinamarquesa, A., Tom Hooper, *Universal Pictures Produções*. Dinamarca, 2015. 120 min.

<http://www.cinemainterativo.com/legendado/assistir-a-garota-dinamarquesa-legendado-online/>

SITES

<http://www.ijep.com.br/index.php?sec=artigos&id=191&ref=alma-e-esp%EDrito-reflexoes-a-partir-da-psicologia-anal%EDtica> visualizado outubro de 2015

<http://lucianavoos.blogspot.com.br/2011/02/liberdade-liberdade-abra-as-asas-sobre.html> visualizado setembro de 2015

<http://semeandojung.blogspot.com.br/2013/02/abordagem-junguiana-do-sofrimento-parte.html> visualizado setembro de 2015

http://www.psicologiafree.com/conselhos_praticos/a-importancia-do-sentimento-de-liberdade/ visualizado em outubro de 2015

<http://www.apoiopsicologico.psc.br/principais-conceitos-psicologia-analitica-jung/> visualizado dia 22/02/2015

<http://dalenogare.com/2016/01/the-danish-girl-a-garota-dinamarquesa-2015/> visualizado em fevereiro de 2016.

<http://encenasaudemental.net/post-destaque/a-garota-dinamarquesa-e-o-fim-da-era-das-certezas/> visualizado em fevereiro de 2016.

<http://www.psicologiaecinema.com/2016/02/a-garota-dinamarquesa.html#more> visualizado em fevereiro de 2016.

<http://poltronanerd.com.br/filmes/critica-a-garota-dinamarquesa-e-mais-um-filme-esplendido-de-eddie-redmayne-26823> visualizado em fevereiro de 2016.

<http://neo-iluminismo.blogspot.com.br/> visualizado em março de 2016.

<https://moviesense.wordpress.com/2016/01/21/the-danish-girl-a-garota-dinamarquesa/> visualizado em abril de 2016.

<http://www.shmoop.com/the-danish-girl/characters.html> visualizado em abril de 2016.

http://www.brasilpost.com.br/caio-delcolli/a-garota-dinamarquesa-resenha_b_9212206.html visualizado em abril de 2016.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lili_Elbe visualizado em abril de 2016.

ANEXOS



Imagem 1 – Einar no começo do filme, com a caracterização totalmente masculina. Observa-se tons mais frios e neutros, apesar do sorriso sempre estampado.



Imagem 2 – Einar no começo da transformação para Lili. É possível notar tons mais vivos e pastéis e ambiente mais alegre e leve.



Imagem 3 – Ao final do filme, após a primeira cirurgia, quando Lili está completamente incorporada. É nítido os tons mais avermelhados, femininos, vivos, mesmo com o fundo mais escuro.